

esses outros de que está sempre cheio o arsenal de qualquer governo, nunca hesitou em empregar a violência e até mesmo a força armada”(108).

O quadro que ia dominar o país daí por diante era bem diferente: “Quanto ao ano de 1848, esse foi o ano de uma mudança de situação política, de eleições agitadíssimas, da revolução Praieira e, finalmente, dos últimos esforços da antiga hombridade nacional contra o suave e doce absolutismo que nos ia dominar; mas que, enquanto não se firmava, violento às vezes se mostrava”(109). O *regresso* estava completando a sua tarefa. Dentro em pouco, o país entraria na fase imperial, aparentemente plácida: com o esmagamento dos liberais, a destruição do liberalismo de esquerda, surgiria a calmaria pantanosa que a historiografia oficial se esmera em apresentar como uma espécie de idade de ouro do desenvolvimento brasileiro e que, na verdade, não foi mais do que a lenta convalescença das cruentas lutas com que se destruiu no país as liberdades arduamente conquistadas quando se enfrentou o profundo abalo político da Independência.

Agonia do liberalismo

Aqueles que se ocuparam em estudar a imprensa brasileira antiga julgaram o pasquim pelas suas aparências apenas, pelo que apresentava de exterior e formal, e condenaram-no como manifestação espúria, sem significação, marginal. Os depoimentos a esse respeito são numerosos; alguns foram aqui citados; típico o de Moraes Sarmento: “A linguagem e os sentimentos nesses pasquins são de todo conhecidos e chegam ao requinte da mais astuta perversidade. Basta dizer que chegaram eles a pôr em leilão as inocentes filhas de um dos nossos presidentes, indicando ao anúncio as qualidades que tinham *e para que poderiam servir*. Basta lembrar que levaram muito tempo a chamar ladrão ao Exmo. Conselheiro Antônio Pinto Chichorro da Gama, partidista exaltado, sem dúvida, porém magistrado e presidente integérrimo, de cuja notória probidade nunca duvidaram os desalmados pasquineiros, nem os jurados que lhes deram razão. Digamos a custo e com o coração apertado, que levaram a audácia da imprudência a dizer que um dos nossos presidentes era incestuoso com a sua própria filha!!!”

Foi este aspecto, o da difamação, da calúnia, da injúria torpe, apenas uma das faces do pasquim, porém. *A Nova Luz Brasileira*, que circulou

(108) F. P. Ferreira de Rezende: *Minhas Recordações*, Rio, 1944, pág. 123.

(109) Idem, pág. 228.